

DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA DO ESPORTE E O JORNALISMO ESPECIALIZADO: UM ESTUDO SOBRE A CORRIDA DE RUA

Marina Gomes

Jornalista, mestranda em Divulgação Científica e Cultural – Labjor (IEL) UNICAMP

marinajornal@yahoo.com.br

Vera Regina Toledo Camargo

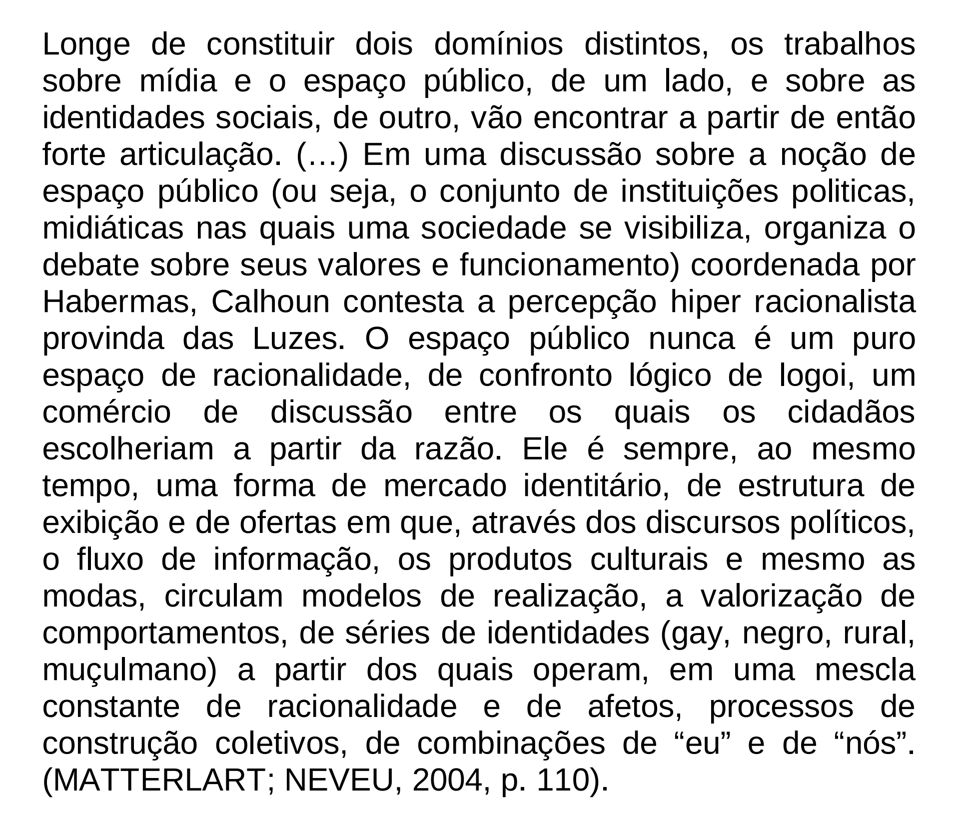
Doutora em Comunicação com Pós-doutorado em Multimeios. Pesquisadora do Labjor (IEL) UNICAMP

Palavras-chave: Divulgação Científica, Ciências do Esporte, Jornalismo Esportivo, Corrida de Rua, Comunicação

Com uma estimativa de quase 05 milhões de brasileiros praticantes, a corrida de rua começou a ser mais intensamente praticada por volta da década de 70, inflacionada pelos estudos do médico norte-americano Kenneth Cooper, criador do "Teste de Cooper", que demonstrava os benefícios da modalidade para a saúde.

Nos últimos 10 anos verificou-se o aumento vertiginoso de praticantes. Enquanto em todo o ano de 2001 foram realizadas apenas 11 corridas oficiais em São Paulo, em 2010 esse número passou para 374 provas só na capital (FPA, 2011).

Por conta do grande mercado formado pelo expressivo número de adeptos, é oferecida uma vasta gama de publicações especializadas. Atualmente só em revistas mensais sobre corrida de rua são sete títulos, com uma distribuição de mais de 200 mil exemplares, das quais se destaca a Runner's World, publicação presente em outros 14 países cuja matriz se desenvolveu nos Estados Unidos em 1966. E vamos nos debruçar sobre este segmento tendo em vista a identidade social que ele cerca.



> Longe de constituir dois domínios distintos, os trabalhos sobre mídia e o espaço público, de um lado, e sobre as identidades sociais, de outro, vão encontrar a partir de então forte articulação. (…) Em uma discussão sobre a noção de espaço público (ou seja, o conjunto de instituições politicas, midiáticas nas quais uma sociedade se visibiliza, organiza o debate sobre seus valores e funcionamento) coordenada por Habermas, Calhoun contesta a percepção hiper racionalista provinda das Luzes. O espaço público nunca é um puro espaço de racionalidade, de confronto lógico de logoi, um comércio de discussão entre os quais os cidadãos escolheriam a partir da razão. Ele é sempre, ao mesmo tempo, uma forma de mercado identitário, de estrutura de exibição e de ofertas em que, através dos discursos políticos, o fluxo de informação, os produtos culturais e mesmo as modas, circulam modelos de realização, a valorização de comportamentos, de séries de identidades (gay, negro, rural, muçulmano) a partir dos quais operam, em uma mescla constante de racionalidade e de afetos, processos de construção coletivos, de combinações de “eu” e de “nós”. (MATTERLART; NEVEU, 2004, p. 110).

Um dos ingredientes constituintes dessas publicações é a constante e maciça divulgação de conteúdos científicos com o intuito de dar credibilidade e respaldo aos textos e anúncios – tendo em vista o caráter positivo, neutro e de “verdade” que o discurso da ciência assume. E, assim, torna-se interessante avaliar com mais profundidade e olhar de forma crítica seus usos e funcionalidades.

> Mesmo em uma sociedade em que o conhecimento é mercadoria e os sistemas de produção de conhecimento são vistos como empresas, o ideal fundador da Ciência acadêmica, entendida como imune, externa aos valores políticos e interesses políticos e econômicos, permanece enraizado, tanto na auto-imagem de muitos cientistas, quanto na retórica da divulgação. (CASTELFRANCHI, 2008, p. 34).

Com um olhar mais atento percebe-se que nestas revistas o conteúdo científico embaralha dois conceitos que foram historicamente construídos de forma distinta: o esporte performance (alto rendimento) e o esporte como promovedor de saúde (lazer, recreacional). Em outras palavras, mesmo as revistas sendo voltadas a um público que lida com o esporte como fonte de lazer, tópicos sobre como aprimorar a performance tendo como base a ciência do alto rendimento o incita a ser cada vez melhor, mais rápido. Isso deve-se, em parte, ao fato de que para muitos a corrida de rua adentrou a categoria do chamado "lazer sério", termo discutido por Stebbins (2007). E esse fato pode ser responsável, entre outras implicações, pelo aumento no número de lesões nestes praticantes, uma vez que podem estar se entregando a treinamentos demasiado extenuantes para seu condicionamento (1)[1]

Vale ainda ressaltar a íntima relação dessa divulgação da ciência do esporte e o consumo. Nos EUA trabalha-se com um universo de 32 milhões de corredores (NSGA, 2011) e no Brasil há um movimento crescente, que movimenta R$ 3 bilhões por ano somando material esportivo, cotas de patrocínios e empresas organizadoras de competições (ISTOÉ, 2011).

Afinal, como este corredor-leitor vai testar seus limites sem o último modelo de tênis, projetado com base em pesquisas de desempenho? Um bom exemplo é uma propaganda de um tênis Asics. Nele, um homem japonês caracterizado como Albert Einstein com cabelos desgrenhados, óculos e mostrando a língua – como na famosa imagem do cientista alemão – e os seguintes dizeres: "Nossos cientistas também correm. Porque, se não corressem, não seriam nossos cientistas", complementado por: Todo o conhecimento da Asics em um só tênis. Pure Running Science.

1



Para eles, para você – a disseminação da ciência da performance

Magdalinski (2009) aponta o esporte moderno como um produto-mercadoria da tecnologia que emergiu durante a escalada cientifica e industrial. Com o desenvolvimento do processo de produção mecanizada, a informalidade dos jogos rurais foi abandonada sobre a pressão do relógio e um novo tipo de lazer se estabeleceu de acordo com a nova regulação do corpo, do tempo e do espaço.

NO DOCUMENTO *GLOBAL RECOMMENDATIONS ON PHYSICAL ACTIVITY FOR HEALTH* DA OMS (2010) a atividade física é definida como “qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que requer gasto de energia”. Essa definição reflete de forma irrefutável a mudança de entendimento que a ciência provocou na movimentação corporal. Em sua origem,

como aponta Huizinga (2004), o que hoje chamamos de esporte, jogo ou atividade física tinha como objetivo tanto a sobrevivência quanto a pura e simples interação social, divertimento ou celebração religiosa no caso dos "jogos", conceito bastante diferente e distante de termos como "músculo esquelético" ou "energia". Com origem latina, a palavra desporte, aliás, significa se divertir.

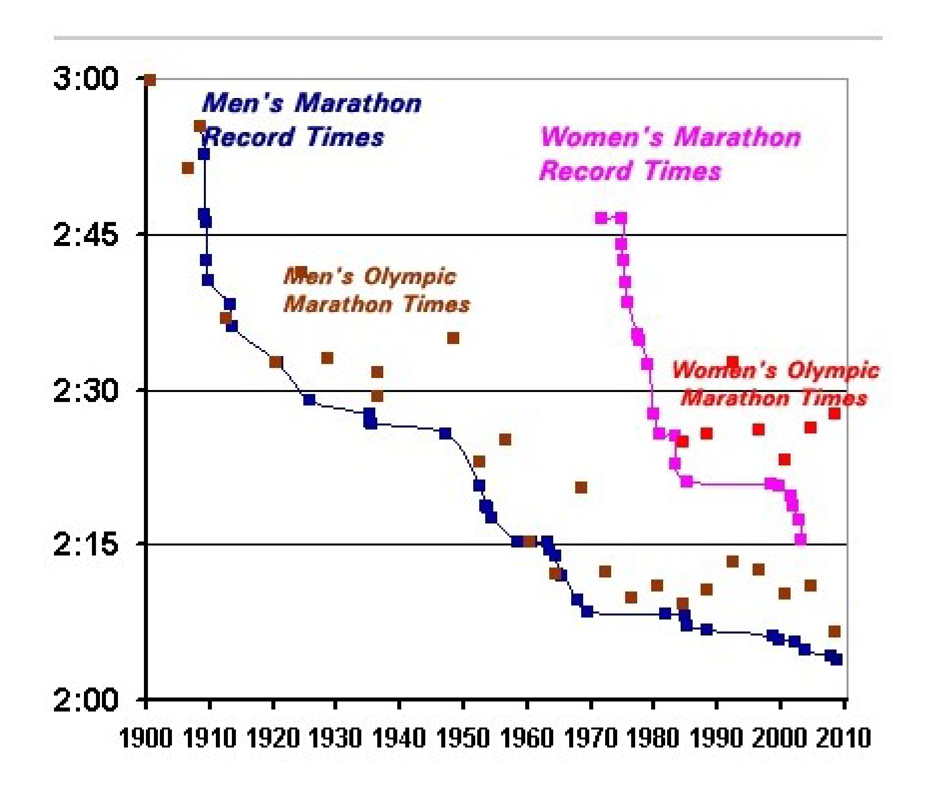
Os avanços tecnológicos foram mais impactantes na esfera do esporte de alto rendimento. Para Guttman (1978), há uma linha inquestionável de desenvolvimento que se estende dos primeiros manuais gregos passando pelos livros da renascença e chegando às instalações complexas esportivas dos países do bloco oriental, onde a ciência do esporte foi levada à extremos como máquina de propaganda do governo.

O grande marco sem dúvida foi a Segunda Guerra Mundial, que instaurou um paradigma significativo de como os novos resultados científicos são aplicados às técnicas de treinamento, resultando em performances expressivas e antes inimagináveis ((BEAMISH; RITCHIE, 2005, apud MAGDALINSK, 2009). Os novos materiais e métodos descobertos (um desvio proporcionado pelas pesquisas militares de ponta) revolucionaram os equipamentos esportivos e quando a Guerra Fria que se instalou refletiu-se em uma disputa atlética também ferrenha. Mostrar-se superior perante o público era de extrema importância para os países em litígio.

> Seguindo o sucesso das escolas soviéticas de esporte e da Alemanha oriental os EUA também apostaram nos centros de treinamento. Ficava no Colorado em 1977 em uma base abandonada da Força Aérea. Ginásio, piscina, velódromo, medicina do esporte, pessoal da biomecânica, bibliotecas e dormitórios facilitaram a vida de treinadores e atletas. Não era apenas um esforço para alcançar os comunistas, mas a aplicação da ciência do esporte nos EUA. (MCCOMB, 2004, p. 100).



Como resultado prático da entrada fundamental da ciência no esporte podemos apontar uma tabela com a queda vertiginosa dos tempos de conclusão das maratonas, provas extenuantes de 42 km. No início do século 20 o vencedor cumpria a distância em quase 3 horas, e atualmente a busca é para conseguir terminá-la o mais próximo possível a 2 horas. Ou seja, em menos de 100 anos uma redução de quase 40%.



Fonte: IAAF (2011)

A disseminação da ciência do esporte por essas revistas especializadas não faz com que o leitor também queira concluir uma prova em tempos

semelhantes, é certo. Porém, incute a ideia de superar seus próprios limites, correndo mais e mais veloz, reproduzindo em outra escala as inovações de C&T disponíveis aos atletas de elite, alterando uma relação historicamente construída de busca de lazer e saúde para aqueles que não vivem do esporte.

Por isso torna-se importante e interessante investigar a presença e a funcionalidade da C&T nessas revistas e refletir sobre como este discurso institui relações de consumo e estilo de vida.

> Grande parte do conhecimento de condicionamento é baseado em pesquisas médicas, psicológicas e fisiológicas. A prática do fitness, consequentemente, é desenvolvida com base nesse conhecimento científico que compõe um largo campo discursivo onde a prática opera. Fitness não é diferente de qualquer outro campo discursivo na sociedade contemporânea que Foucault sustentava. Muito do conhecimento tem pé na pesquisa objetiva científica onde este conhecimento domina outras formas de conhecimento. Este é o campo de enunciação que começa a identificar possíveis conceitos que caracterizam o discurso do fitness. (PRINGLE; MARKULA, 2006, p.55).

Se por um lado há o aspecto positivo de dotar a população de conhecimento que permite uma melhor base para tomada de decisões, como aponta Orlandi:

> Todo esse processo tem como resultado algo maior, que interfere na sociedade: a produção do que eu chamaria de efeito de “exterioridade” da ciência. A ciência sai de si, sai de seu próprio meio para ocupar um lugar histórico e social no cotidiano dos sujeitos, ou seja, ela vai ser vista como afetando as coisas a saber no cotidiano da vida pessoal. (ORLANDI, 2001, p. 23).

Por outro lado é preciso ter em mente que devido ao modo de funcionalidade do discurso de divulgação científica, que assume um caráter de autoridade tendo como pano de fundo sua pretensa neutralidade, esse conteúdo é na maior parte das vezes recebido de forma não crítica, sendo assimilado e aceito sem restrições. E some-se a isso que a maior parte dos jornalistas esportivos não tem qualquer formação especial para tratar assuntos científicos, também repassando de forma até mesmo ingênua uma vasta gama de informações.

Torna-se indispensável esclarecer como também na área do esporte a pretensa objetividade científica mascara aspectos de dominação da ciência nos âmbitos de natureza e humanidade, com a ilusão de ciência neutra, como aponta Habermas (1994) e a ideologia presente neste discurso, com íntimo um viés econômico.

NOTAS

1 – Mechelen (1992) mostra que para corredores recreativos a incidência anual de lesões varia entre 37% e 56%, e outros estudos apontam até alarmantes 70%.

Referências

BLOYCE, Daniel; SMITH, Andy. *Sport policy and development. An introduction*. Nova York: Routledge, 2010.

CASTELFRANCHI, Juri. *As serpentes e o bastão: Tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade.* 2008. Tese (Doutorado em Sociologia). Campinas: Unicamp, 2008.

CONTRA RELÓGIO. Disponível em <www.revistacontrarelógio.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2011.

EPSTEIN, Isaac. *Divulgação Cienífica. 96 verbetes*. Campinas: Pontes, 2002.

EPSTEIN, Issac. Comunicação da Ciência. Disponível em <www.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_09.pdf>. Acesso em 03 jan. 2011.

FPA. Federação Paulista de Atletismo. Disponível em <www.nosamamosatletismo.net>. Acesso em: 27 jun. 2011.

GUTTMAN, Allen. *From ritual to record*. The nature of modern sports. Columbia University Press, 1978.

HABERMAS, Jurgen. *Técnica e Ciência como Ideologia*. Lisboa: 70, 1994.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens.* São Paulo: Perspectiva, 2004.

IAAF. Associação Internacional das Federações de Atletismo. Disponível em <www.iaaf.org>. Acesso em: 11 jun 2011.

ISTOÉ Dinheiro. Ed nº **717.** *A corrida das marcas.* Disponível em: <www.istoedinheiro.com.br/noticias/60481_A+CORRIDA+DAS+MARCAS>. Acesso em: 17 jun. 2011.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia*. Bauru: Edusc, 2001.

MAGDALINSKI, Tara. *Sport, technology and the body*. Routledge, 2009.

MARATHON GUIDE. Disponível em: <www.marathonguide.com/history/records>. Acesso em: 20 jun. 2011.

MATTELART, Armand; NEVEU, ERIK. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parabola Editorial, 2004.

MCCOMB, David. *Sports in world history.* Nova York: Routledge, 2004.

MECHELEN, Willen. RUNNING INJURIES: A REVIEW OF THE EPIDEMIOLOGICAL LITERATURE. Sports Medicine, v.14, n. 5, p. 320-335, 1992.

MECHIKOFF, Robert. *From ancient civilizations to the modern world*. McGraw-Hill, 2010.



RIORDAN, Jim; KRUGER, Arnd. *The International politcs of sport in the 20th century*. Taylor & Francis, 1999.

NSGA. NATIONAL SPORTING GOODS ASSOCIATION. DISPONÍVEL EM <WWW.NSGA.ORG>. ACESSO EM: 15 JUL 2011.

OMS. GLOBAL RECOMMENDATIONS ON PHYSICAL ACTIVITY FOR HEALTH. DISPONÍVEL EM <http://whqlibdoc.who.int/publications/2010/9789241599979_eng.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2010.

ORLANDI, Eni. Divulgação Científica e efeito leitor: uma política social urbana. In*: Produção e circulação do conhecimento.* Campinas: Pontes Editores, 2001.

PRINGLE, RICHARD; MARKULA, PIRKKO. FOUCAULT, SPORT AND EXERCISE. POWER, KNOWLEDGE AND TRANSFORMING THE SELF. NOVA YORK: ROUTLEDGE, 2006.

RUNNER´S WORLD. Disponível em: <www.runnersworld.com>. Acesso em: 20 jun. 2011.

STEBBINS, ROBERT. SERIOUS LEISURE*: A Perspective for our Time*. Transaction Publishers, 2007.

TUBINO, Manuel Gomes. *Esporte e cultura física*. São Paulo: Ibrasa, 1992.